"JOSÉ LEÃO, UM MITO SANTO E O CLAMOR DE UM POVO POR JUSTIÇA".

Capela de José Leão. Erguida em honra ao jovem assassinado no ano de 1877.
Fonte: Foto do Portal Cabuginet.

A História de José Leão é cercada por muitos mistérios como sua própria morte que desperta no nosso povo vários sentimentos, como a devoção por exemplo. Ninguém pode afirmar ao certo o que é verdadeiro nesta saga.

O episódio envolvendo José Leão aconteceu no fim do século XIX, numa região tipicamente agropecuarista, com uma população de 3.630 habitantes (População do Seridó segundo o historiador seridoense José Augusto), em pleno Ciclo do Couro. Sua morte ocorreu quando a população de Flores se organizava economicamente e inaugurava um marco religioso no ano de 1866, a construção da Capela de São Sebastião. No ano de 1873, foi criado o Distrito Policial na Vila de Flores. A sociedade era tipicamente organizada sob o poder dos latifundiários e do coronelismo.

A história que narra o assassinato de José Leão é de cunho religioso, pois ganhou no decorrer do tempo, proporções míticas, sendo também uma produção do pensamento e da oralidade dos mais velhos, que sempre contam carregada de subjetividade. Acrescenta-se ao fato, sentimento de revolta do povo pela barbaridade

do crime, de piedade pelo fato deste ter sido martirizado, e de indignação, pois nada sabe-se sobre o que ocorreu aos culpados pelo crime.

Conta-se que José Leão era filho de Josefina de Souza Leão e José de Souza Leão. Ele veio de Pernambuco para a Vila de Flores procurar por terras de seus pais, e chegando na Vila, ele descobriu que o fazendeiro João Porfírio havia ocupado suas propriedades e não pretendia devolvê-las. A conseqüência de tudo isso, foi um conflito no qual o resultado foi o fim brutal da vida do jovem José Leão.

O INÍCIO DO CONFLITO:

Havia na Vila de Flores um senhor de nome João Toscano de Medeiros, conhecido como Joca Toscano que recebera patente do então presidente da república Floriano Peixoto. Rico latifundiário, intendente da vila que administrou a comunidade por trinta e três anos, deu total cobertura a João Porfírio e ordenou que se organizasse uma emboscada para matar José Leão.

Nessa emboscada, uma mão de pilão e uma faca peixeira foram usadas como armas. A primeira arma, para bater na cabeça e a segunda para retalharem o seu corpo. Também foi feita uma grande fogueira, na qual depois de retalhado, o corpo de José Leão foi jogado. Não sabe-se ao certo quantas pessoas participaram da emboscada.

A MORTE:

A morte de José Leão aconteceu no dia 20 de Janeiro do ano de 1877. Era dia de São Sebastião, que se festejava na cidade como padroeiro contra a peste a fome e as guerras. As pessoas que já sabiam do conflito, tomaram conhecimento do acontecido devido a presença do cavalo de cor branca, pertencente ao jovem José Leão.

ACONTECIMENTOS PÓS MORTE DE JOSÉ LEÃO:

Depois da morte deste jovem, ocorreram vários fatos estranhos com aqueles que contribuíram para a execução do crime. Pouco tempo depois, a morte de duas filhas de João Porfírio, Ana e Tereza, causada por a queda de raio em seu quarto, no sítio Fechado despertou na comunidade um sentimento de "castigo". A morte de um jagunço que participou da emboscada que mesmo tomando um pote de água, morreu de sede. Uma morte misteriosa. Os curiosos narravam que quando José Leão estava sendo queimado, pedia água e este jagunço negava. Várias mortes de suicídio na

família Toscano também serviram para a formação de um pensamento coletivo sobre o fato.

Tratando-se da família Toscano, foi denominada pelas pessoas que se revoltaram com a tragédia, como a Família dos Mata e Queima. Esta denominação perdura até nossos dias. Conta-se que a tragédia repercutiu nacionalmente. No estado do Ceará, o Padre Cícero do Juazeiro, negava receber esta família e orientava a seus fiéis que lhes negassem água de beber.

AS OFERENDAS DE DEVOTOS A JOSÉ LEÃO:

Por acreditarem que José Leão teria se tornado "Santo" pelos fatos ocorridos depois de sua morte, pessoas tornaram-se devotas dele, passando a oferecer objetos como sinal de gratidão por votos alcançados e como sinal de fé. As oferendas constam de água , pedras, ex-votos (esculturas em madeira, gesso e bonecos de pano, retratando partes do corpo dos fiéis), além de velas, flores e fotografias.

No local da execução, foi construída uma capela que até hoje é visitada por pessoas de várias partes do país.

Em entrevistas realizadas, podemos presenciar que esta história, embora perdida no tempo, não está esquecida, ela faz parte do imaginário do nosso povo.

Segundo a pesquisadora Ana Maria de Azevêdo Souza, existem duas versões sobre o motivo da morte do José Leão.

-"A primeira diz que foi um romance dele com a filha de um fazendeiro da região. O pai da moça para lavar sua honra, teria mandado matá-lo. A Segunda versão, diz que ele foi morto por causa de suas ricas terras, que despertava a inveja de alguns. Ele foi abordado por vários homens que o amarraram e jogaram numa grande fogueira. Devido o corpo pular para fora do fogo, os jagunços resolveram retalhar todo seu corpo. Depois jogaram novamente na fogueira, finalizando a execução. Algum tempo depois, foi descoberto que quem tinha mandado matar José Leão havia sido o fazendeiro João Porfírio. Descobriram isso porque sempre todas as noites ele ia até o local do crime, fazendo assim seu ato de arrependimento. Quanto a crença, eu tenho uma história de vida. Tinha uma doença denominada esporão de galo, que faz com que o osso do pé cresça. Com a doença comprovada, a solução seria uma cirurgia, então pedi a intercessão de José Leão e fui atendida". Ana Maria de Azevedo Souza, 43 anos de idade. É poetisa, pesquisadora e escritora.

Para o jovem Max Antônio Medeiros do Nascimento, 24 anos de idade, Professor, Voluntário da Pastoral da Criança, estudioso sobre o assunto, afirma em entrevista ao grupo de pesquisadores:

-"José Leão era um rapaz bonito, rico, solidário. Era de uma outra cidade e veio para comprar terras na Vila de Flores. Essas terras despertou inveja em Joca Toscano um rico e ambicioso fazendeiro. O tempo foi passando e a ambição de Joca Toscano foi aumentando. Ele queria as terras de qualquer jeito. José Leão por sua vez, nunca venderia sua propriedade, por isso, o fazendeiro mandou matá-lo, pensando ser esta a única solução. A morte foi ocasionada na madrugada de 20 de janeiro de 1877. Dia da festa de São Sebastião, padroeiro da cidade. José Leão ao sair da casa de uma amante, foi surpreendido por homens que bateram-lhe a cabeça com uma mão de pilão e jogaram seu corpo amarrado numa grande fogueira. O corpo não ficava na fogueira, então, os jagunços com uma faca peixeira, retalharam-lhe completamente e após, jogaram-lhe no fogo. No local, onde foi morto, foi construída uma capela com ajuda da comunidade que é visitada por pessoas de vários lugares do país".

À esquerda, o Senhor Severino Silva de Medeiros 75 anos de idade, contador de histórias. Ao lado, o jovem pesquisador Max Antônio Medeiros do Nascimento. Fotos: Arquivo Particular.

Outra entrevista realizada, foi com o senhor Severino Silva de Medeiros, 75 anos de idade, contador de histórias, que afirma ter ouvido várias versões de pessoas antigas. Ele diz: -" Em 20 de janeiro de 1877, Joca Toscano mandou matar José Leão. Ele ordenou a seus capangas que fizessem todo o trabalho. Eles por sua vez obedeceram e cumpriram a ordem. Com o plano de execução em andamento, os assassinos pediram a José Leão uma faca enquanto isso, bateram em sua cabeça com uma mão de pilão, jogando-o depois em uma grande fogueira que estava dentro do plano. Pelo fato do corpo pular para fora da fogueira, os capangas retalharam-lhe completamente, e depois jogaram-no mais uma vez ao fogo. Joca Toscano teve como aliado o fazendeiro João Porfírio que depois da morte de José Leão, ia todas as noites ao local do crime, como se estivesse arrependido do crime.

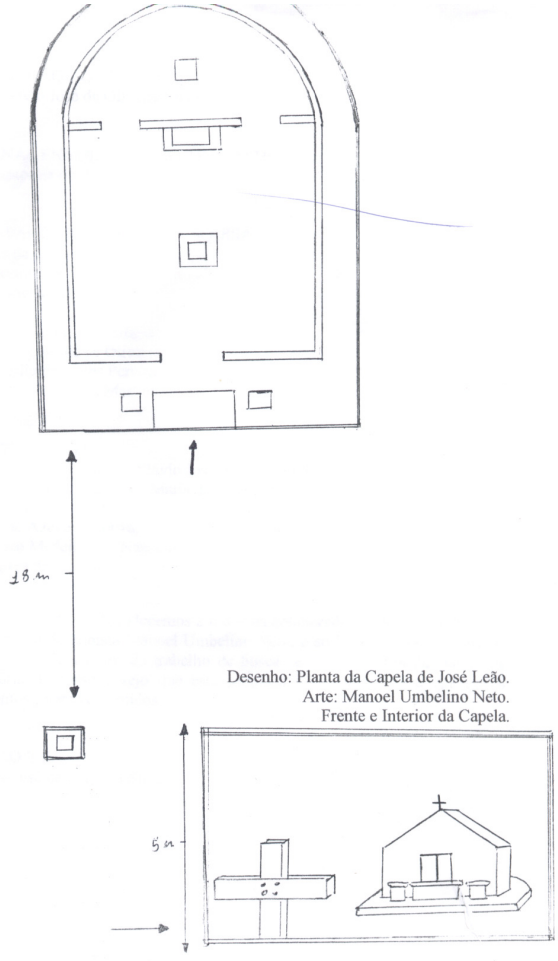
Segundo o senhor José Augusto Freire, 84 anos de idade, aposentado, pessoa que transitou por meio da Justiça por muito tempo, o crime foi julgado somente no século XX. Foi instituído um Promotor Especial para apurar o crime, este que veio da Paraíba.

Poetisa Ana Maria de Azevedo Souza. Narra fatos sobre a vida e martírio de José Leão. Foto: Arquivo Particular.

Assim, relata-se a História de José Leão. São muitas as versões que despertam a curiosidade de muitos até os dias atuais. Mesmo sem ter documentos, provas

testemunhais, a memória histórica do nosso povo guarda esta tragédia que abalou toda uma sociedade.

Santos e ex-votos, fazem parte do patrimônio da Capela de José Leão. Abaixo, Planta Baixa da Capela.
Fonte: Foto do Arquivo Pessoal do Prof. Flávio José de Oliveira Silva



Desenho: Planta da Capela de José Leão.
Arte: Manoel Umbelino Neto.
Frente e Interior da Capela.

COORDENAÇÃO DO TRABALHO
Professor Flávio José de Oliveira Silva

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS NO TRABALHO
Artes e Economia do RN.

ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA:
João Eudes da Silva Souza
Aelson Pereira de Oliveira
Joedson Francisco Bezerra
Neifran Clemente
João Paulo de Morais Ferreira
Gigliane Mairy Alves de Oliveira
Micaelle Gerliani Gomes Pereira
Alfran Ecledson Bezerra Martins

ARQUIVOS E FONTES:
Arquivo Pessoal do Professor Flávio José de Oliveira Silva
Flores da Minha Infância - Ana Maria de Azevedo Souza
Entrevistas com:
Ana Maria de Azevedo Souza,
Max Antônio Medeiros do Nascimento,
Severino Silva de Medeiros.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos a todos os colaboradores, pessoas que foram entrevistadas, ao desenhista Manoel Umbelino Neto, e ao Professor Flávio José de Oliveira Silva, incentivador do trabalho de busca e de descoberta das raízes da nossa história. É nosso desejo que esta pesquisa seja continuada e que novos conhecimentos sejam construídos.

REVISÃO:
Claudia Pinheiro

DIGITAÇÃO E IMPRESSÃO:
Prof. Flávio José de Oliveira Silva.